

Guias Impressos da Cidade de São Paulo: a exposição do patrimônio cultural¹

Madalena Rodrigues Nova²

Universidade Anhembi-Morumbi - UAM

Resumo

Este artigo é parte da dissertação de Mestrado em Hospitalidade e objetiva analisar guias representativos da cidade de São Paulo. A escolha do tema decorre do interesse em acompanhar a produção dos guias em épocas distintas de forma a identificar o patrimônio histórico e cultural que vai sendo incorporado enquanto possibilidades de visitação na cidade de São Paulo. Estes guias serão identificados e selecionados segundo sua representatividade para a cidade além de serem analisados internamente. Será importante contemplar a hospitalidade urbana já que os guias impressos fazem a mediação entre o indivíduo e o espaço público. O presente artigo aborda o histórico e origem dos guias no mundo e no Brasil e descreve o Guia Ilustrado do Viajante, de 1924. A metodologia utilizada para este trabalho é pesquisa exploratória descritiva e análise de conteúdo dos guias impressos.

Palavras-chave: guias impressos; São Paulo; patrimônio cultural; patrimônio histórico.

1 - Introdução:

Conforme Camargo (2002), o guia turístico, pode ter esta denominação a partir da terceira década do século XIX, porém, manuscritos do ano 1130 com o nome de Guia do Peregrino já existem e são destinados àqueles que faziam o caminho de Santiago de Compostela, descoberto no século IX, na Galícia, hoje território espanhol. Segundo Barretto, (2003) o peregrino francês, Aymeric Picaud escreveu o roteiro da viagem, indicando o caminho a partir da França, juntamente com histórias de Santiago, por volta de 1140, e este teria sido o primeiro guia turístico, ainda, manuscrito.

¹ Trabalho apresentado ao GT “Turismo e Patrimônio Cultural do V Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul – SeminTUR – Caxias do Sul – 27 e 28 de Junho de 2008

² Bacharel em Turismo pela UNG – Universidade Guarulhos, Especialista em Docência em Turismo e Hotelaria pelo Centro Universitário SENAC e Mestranda do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi-Morumbi.

No século XVI, o guia inglês para cavalheiros praticantes do *Grand Tour*, era impresso, no entanto, não se sabe em que escala e não se tem conhecimento de como era feita sua distribuição. O que deve ser considerado apenas é que eram guias de viagem especializados, identificados pela finalidade da viagem: peregrinações, estudos, comércio, etc., de acordo com Camargo, (2002).

Morgan-Proux, (2006, p.111), chama a atenção para a elaboração de cadernos com anotações feitas pelos guias intérpretes durante as viagens nas montanhas dos Alpes franceses:

Mont Blanc, a antiga montanha maldita torna-se uma fonte de fascínio e de façanha esportiva... É necessário não só a perícia técnica dos guias em matéria de alpinismo, mas também o conhecimento que possuem da montanha, resultante de prática cotidiana... Aprende-se a vida dos camponeses nos cadernos que eles deixaram... Os cadernos são uma fascinante fonte de informações sobre a atividade de guia, que se torna uma prestação de serviço para uma clientela que deseja satisfazer seus desejos de conquista e lazer.

A autora destaca a natureza de tais anotações realizadas pelos guias nos cadernos como a presença de encostas, montes e picos; os itinerários também são descritos, com referência a modalidades de habitação, campos de pastoreio e outras curiosidades que possam atrair turistas, além do tempo de viagem ou passeio e até um pequeno vocabulário do idioma inglês. Infere-se que tais cadernos escritos no século XVIII e não publicados, podem ter servido como guias de viagem.

Ainda, Morgan-Proux, (2006, p.110), contempla o viajante do século XVII, para quem tanto a montanha quanto o mar provocava apenas horror e sua nova percepção diante da natureza que se dá no início do século XVIII, sobremaneira, com o advento do romantismo. Camargo (2002), refere-se à literatura de viagens do século XVIII e também à literatura romântica. Os romances da época, exaltam não só a natureza, mas também, o patrimônio, outros escritores ficam conhecidos por seus romances históricos como Chateaubriand e Victor Hugo, o escocês Walter Scott, George Sand, Stendhal, Rousseau, entre outros nomes.

As arenas, as termas, os templos, ainda que em ruínas ou ocupados para finalidade de moradia ou negócios passam a ser valorizados como locais dignos de visita. Se já eram

conhecidos e se sabia do seu valor econômico, passam agora a ser objetos de culto nacional ou visitação.

Nesta época os meios de reprodução das paisagens limitam-se a desenhos ou pinturas, porém a partir da metade do século XVIII surge a fotografia e desenvolve-se a técnica e arte dos cartazes. Os guias impressos surgem no século XIX.

No século XIX, surgem os guias impressos, tais, como conhecemos hoje, com divulgação de informações, numa perspectiva de comunicação de massa, sem referência a uma camada social específica, porém, alguns guias são destinados a determinados públicos e finalidades. O autor observa que com o advento da locomotiva a vapor, a idéia de abrir nas estações de estradas de ferro, uma banca de livros e jornais espalhou-se rapidamente inicialmente em Londres e depois Paris, por volta de 1850 (CAMARGO, 2002).

O primeiro guia que Baedeker, um dos pioneiros do turismo, editou foi sobre viagem pelo Reno, *Rheinlande*, em 1839. Posteriormente, foi ampliando seu conjunto editorial com novos guias sobre Alemanha, Áustria etc, que foram traduzidos para vários idiomas. A editora chegou até nossos dias e é uma das mais importantes ainda em seu gênero de coleção de guias de viagens de todo o mundo, como Guides Blue, Fodor, Nagel, Michelin etc., conforme site da Proead.

Ainda no século XIX, Thomas Cook, estabelece fundamentos das viagens organizadas, introduz conceitos de pacote turístico e também lança um guia, o *Handbook of Trip* descrevendo o itinerário da viagem de Leicester a Liverpool, conforme Rejowsky, 2002.

Segundo Camargo, (2007), o Brasil, deixará desvendar-se para o mundo em 1808. A partir de então, até 1850, encontraremos registros de viagens feitos por europeus, sobretudo, ingleses. Finalmente, com as paisagens e atrativos naturais na literatura de viagens, passa a ser conhecido, sobretudo, o Estado do Rio de Janeiro, ao menos potencialmente como núcleo receptor, no entanto, muito distante de se tornar destinação, nessa primeira metade de século. Scarrone (2007), cita o primeiro guia escrito e editado no Brasil pelo alemão Revert Henry Klumb, no ano de 1872 que afirma no prefácio que o mérito deste guia é o de ser o primeiro feito no país:

O livro não tem merecimento a não o de ser o primeiro guia do viajante, feito no paiz, guia ilustrado de desenhos

copiados da fotografia (...) A idéia primeira é de 1861, em 1863 trabalhei nela, em 1864, 1865 e 1866 acabei as vistas, em 1870 tratei da publicação com um editor e enfim em 1872 vejo-a realizada!(Klumb, 1872 *apud* Scarrone 2007)

Segundo Scarrone, (2007) dois exemplares deste guia, intitulado Doze horas em diligência – Guia ilustrado do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora se encontram na Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro – RJ. Contém cada um 85 páginas e 29 litografias que acompanham o texto, produzidas a partir de fotografias tiradas por Klumb, que elencam além das paisagens naturais, preços e horários de trem e outras curiosidades acompanhando o viajante durante os 144 quilômetros de percurso entre Petrópolis e Juiz de Fora.

Camargo (2007), considera a literatura de viagens, escritas por europeus, no século XIX, incluindo, guias, almanaques, anúncios de jornal, vinhetas e ilustrações como uma possibilidade de se constatar oferta e serviços disponíveis da época.

Quanto à cidade de São Paulo, tem-se conhecimento de um guia para o viajante, intitulado Guia Ilustrado do Viajante escrito por Jacyntho Silva e editado por Monteiro Lobato, em São Paulo, no ano de 1924. Dois exemplares deste guia fazem parte do acervo do Museu Paulista da USP.

2 - Guia Ilustrado do Viajante – 1924

Os exemplares da obra ora descrita e analisada com 360 páginas cada, figuras e fotos, além de texto, no qual está inserida uma variedade de anúncios publicitários, é editada logo após o centenário da Proclamação da Independência do Brasil, representa para a cidade de São Paulo, uma gama de informações descritas de forma detalhada para viajantes, turistas e moradores da cidade.

O formato do livro é de 16cmx12cmx2cm, nota-se a capa dura restaurada e as páginas amareladas muito finas. A folha de rosto do guia, com dados relativos ao mesmo, que integra o título da obra, nome do autor, editor, ano de publicação entre outras informações é assim descrita:

Guia Ilustrado do Viajante –
Manual systema “Baedeker” para uso dos forasteiros
contendo illustrações elucidativas e grande número de
informações e dados officiaes –
Organizado por Jacyntho Silva
S. Paulo – Brasil
Monteiro Lobato & C -1924-

O escritor se dirige ao leitor, num Prefácio, contemplando a utilidade do guia, o tempo e trabalho em recolher informações, segundo ele, escassas na época e de quão dispendioso foi elaborar a obra.

Guia Ilustrado do Viajante -1924
Ao leitor
O Guia illustrado do viajante não é mais que um manual destinado a servir de cicerone aos forasteiros.
Na sua confecção dispendi algum tempo, na collecta rigorosa de infformações tão deficientes e incompletas nos trabalhos deste gênero até hoje apparecidos, representando por isso, um serviço já inteiramente indispensável, à nossa vasta e opulenta capital.
Fil-o com o maximo cuidado, afim de que preenchesse, em absoluto, aos seus fins: informar com segurança e minuciosamente aos viajantes e a todos aquelles que desejam conhecer a cidade de São Paulo.
Tantas foram as dificuldades encontradas para a obtenção de dados e tantos os esforços dispendidos para afinal vencel-as por completo, que se me afigura possível affirmar que o “Guia do Viajante” é o trabalho mais completo no gênero, publicado em São Paulo.
Jacyntho Silva

O guia em questão mostra diversos anúncios, descritos de maneira peculiar, de produtos para casa e alimentícios, entre venda de lotes, onde hoje é o Jardim Europa, na cidade de São Paulo, hotéis, atrativos naturais, atrativos históricos e culturais, monumentos, etc.

Algumas informações importantes para os viajantes têm destaque como a língua falada no país, que segundo o autor, é a portuguesa, mas muitos entendem o espanhol, o francês, o italiano, inglês e até alemão, além da unidade monetária utilizada: o real, e a hora oficial do país.

São abordados assuntos específicos, divididos em três partes sendo que a primeira é composta por dez capítulos e cada um deles trata de um tema como por exemplo: a chegada do viajante a São Paulo. Detalhadamente o autor descreve local de desembarque

e embarque ao Rio de Janeiro, interior do Estado de São Paulo e à Cidade de Santos, tanto por via terrestre quanto marítima e todos os trâmites necessários. Os meios de locomoção, neste caso, considerados: carros de praça, bondes, carruagens e trens; os meios de transporte, refere-se aos carregadores, às carroças, e caminhões para o transporte de bagagens e cargas e os meios de comunicação, são os correios, telégrafos e telefone, todos descritos com endereços e as informações necessárias para o viajante, não existem mapas. Ainda na primeira parte, o autor detalha informações sobre o modo de viver (aqui referindo-se à alimentação) sugerindo os melhores lugares, numa lista de nomes e endereços de restaurantes e hotéis, casas de chá, café, confeitarias e sorveterias, também cita as feiras livres e mercados públicos.

Algumas informações práticas dão conta dos melhores locais para banhos quentes ou frios, de mar (Santos), duchas medicinais, entre outros serviços como cabeleireiro, barbeiro, manicura, cambistas, livrarias, alfarrabistas, etc.

O capítulo VII é dedicado aos passeios em jardins e parques, sendo sugestões: o Parque D. Pedro II, com foto do parque recentemente inaugurado na antiga várzea do Carmo, um dos maiores de São Paulo, descreve o autor, “destacando-se pela artística disposição dos canteiros floridos em meio ao gramado verdejante”. Parque do Anhangabaú, Parque da Independência, são contemplados ainda os Jardins da Luz, da Aclimação, da Praça da República, e as inúmeras praças como da Sé, João Mendes e Antonio Prado. O largo São Bento, São Francisco e do Paissandu também estão elencados entre tantos outros. Cada local sugerido, é descrito detalhadamente dando conta de monumentos, esculturas, teatros ou cinemas que neste exista. O autor ainda sugere passeios, numa interessante descrição sobre as ruas do Triângulo – nome por que é conhecido o trajeto das Ruas XV de Novembro, São Bento e Rua Direita.

A Rua 15 é a rua dos bancos, nela só se ouve falar em cheques. A Rua São Bento é a rua das Bolsas de Mercadoria e de Títulos, só se fala em café, algodão e cereaes. A Rua Direita é a rua da elegância, as casas de moda ahi situadas attraem a attenção da elite feminina... aos sabbados o sexo forte se encontra na Rua Direita maximé em frente ao Mappin Stores...

Ainda são sugeridos pelo autor, passeios nas avenidas: Paulista, Higienópolis, Angélica e pelo Jardim América, destacando a suntuosidade e arquitetura das moradias de pessoas

ilustres da época, como Condessa Álvares Penteadó, Veridiana Prado e Colégio Nossa Senhora de Sião, não deixando de citar os números dos bondes que trafegam nestas localidades.

Sobre o bairro do Ipiranga, cita o monumento e museu além do riacho, no bairro do Braz se refere às indústrias e à grande quantidade de casas dos trabalhadores, as avenidas Rangel Pestana e Celso Garcia também são citadas, passando pelo bairro da Penha e chegando até a Ponte Grande, assim denominada por conta da existência de uma ponte menor, descrita por Silva (1924 p. 76):

A denominação Ponte Grande vem do facto de existir ahi, sobre o Rio Tietê uma ponte mettalica maior que a que um pouco antes, passa sobre o Tamanduatey e é conhecida por Ponte Pequena.

Destaque para os clubes de regatas Tietê, São Paulo e Esperia e os clubes de futebol Palmeiras e Corinthians. Viadutos, pontes e canais também são descritos neste capítulo, assim como, a represa Santo Amaro, destacando aspectos curiosos da vila.

O capítulo IX, intitulado de Curiosidades a ver (Obras d'arte etc.) detalha os monumentos comemorativos, como o Monumento do Ipiranga, a descrição do autor é longa e minuciosa acerca do monumento e do museu, cujo trabalho fora concluído em 1890. Na página 84 do guia está uma foto deste monumento que segundo o autor “não há no país obra de arte que se lhe avantage”, monumentos, estátuas, hermas e bustos são descritos, nota-se a valorização destas obras pelo autor.

Prossegue o autor se reportando neste capítulo, considerado o mais longo do guia descrevendo o Palácio do Governo, da Justiça, das Indústrias, dos Campos Eliseos e da Cúria Metropolitana. Os edificios religiosos são as catedrais, igrejas, santuários e conventos existentes ou em construção na época como é o caso da Catedral Metropolitana de São Paulo, ou simplesmente Catedral da Sé, Basílica de São Bento, entre tantas outras, inclusive igrejas de outras denominações ou cultos também criteriosamente descritas, com nome, endereço, data da fundação, tipo de arquitetura, obras de arte ali existentes, detalhes dos vitrais, púlpitos, portas e janelas, origem, entre outros dados julgados interessantes pelo autor. Entre os muitos edificios notáveis, descritos no guia está o da Penitenciária de São Paulo, no bairro do Carandiru, classificado pelo autor como “um dos mais bellos monumentos architetonicos da Paulicea” cuja pedra fundamental é lançada no dia 13 de maio de 1911, exhibe foto do prédio à página 112 do guia. Totalmente detalhado quanto à

distribuição de celas, número provável de ocupantes, lavanderia, rouparia, cozinha, salas de oficina, quartos de banho numa área total de 97.750 m², abrangendo pátios e jardins, inaugurado em abril de 1920, foi um verdadeiro acontecimento.

Destacam-se ainda entre os edifícios notáveis o prédio dos Correios e Telégrafos, Faculdade de Direito, Escola Normal da Capital, Lyceu de Artes e Ofícios, Hospital da Força Pública, Automóvel Club, Teatro Municipal, Tribunal de Justiça e uma infinidade de outros entre delegacias, escolas e tribunais.

Alguns institutos merecem destaque como o Instituto Butantan, Instituto Bacteriológico, Instituto de Higiene, Anatômico da Faculdade de Medicina, de Veterinária e de Análises Químicas e Bromotológicas, Laboratório Farmacêutico, etc. Importante observar que todas essas edificações existiam desde meados do século XIX.

O autor discorre sobre o abastecimento de águas da capital feito por Estabelecimentos da Companhia Cantareira, porém, informa que a população mais pobre, na época abastecia-se de águas das “biquinhas”. Em 1872, a cidade de São Paulo, então, com 25.000 habitantes é abastecida pela Cia. Cantareira de Águas e Esgotos, contudo em 1893, o governo paulista toma para si a responsabilidade do abastecimento de águas e ocorre a desapropriação e desmatamento de grande área da Serra. O autor pela primeira vez, no guia cita a palavra “turista”, reportando-se à Serra da Cantareira: “Este aprazível e pittoresco recanto da Cantareira é um dos pontos que o turista deve visitar” (Silva, 1924, P.148), e “patrimônio” quando se refere às árvores transplantadas da Serra da Cantareira para o Horto Botânico do Ypiranga, dependências do Museu Paulista. Das instituições pias fazem parte orfanatos, creches e asilos, em número razoável, algumas destas instituições são construídas e mantidas pelos governos paulista e italiano. Ainda neste capítulo são citados os dois cemitérios mais importantes da cidade: da Consolação e do Araçá com destaque para a arquitetura e trabalhos de arte fúnebre, ali existentes.

Cerca de 15 páginas do guia são destinadas às descrições do Museu Paulista, desde horário, transporte até o detalhamento de cada sala e também das obras de arte no interior do mesmo. Refere-se ao Parque da Independência acoplado ao museu, cita árvores que foram transplantadas da Serra da Cantareira e reconhece o patrimônio natural ali existente. O Museu de arte Christan (atual Museu de Arte Sacra), a Pinacoteca do Estado de São

Paulo, entre outros museus e bibliotecas também têm lugar de destaque nesse capítulo, entre as quais estão a Biblioteca Pública, da Câmara Municipal, da Escola Politécnica, do Arquivo do Estado e do Museu Paulista.

Silva (1924) descreve, pormenores sobre a Imprensa Local listando os jornais brasileiros, dividindo-os em uma lista para manhã, outra para tarde e outra para noite; os estrangeiros separados por país de origem, as revistas da época nacionais e estrangeiras. Interessante observar que o autor divulga todos os endereços das redações jornais e revistas brasileiros, além de sua periodicidade.

A segunda parte da obra é dividida em sete capítulos e faz abordagens sobre Administração da cidade, Governo do Estado, Municipalidade, Governo Federal, Religião, Comercio, Saúde pública e Serviço funerário, sugerindo endereços, documentação e outros assuntos pertinentes.

Inicia-se à página 187, dando destaque para a Administração Estadual, detalhando nomes, endereços e serviços prestados, incluindo a Delegacia de Ensino, Diretoria Geral de Serviços de Educação e de Saúde. As informações sobre as secretarias estaduais, seguem o mesmo padrão, contemplando nomes, endereços, meio de locomoção utilizado, no caso o número do bonde; não existiam telefones na maioria dos locais. Serviço de corpo de bombeiros, hospícios, hospitais, cartórios e tabeliães também estão listados.

Informações sobre a Municipalidade e seus departamentos seguem-se acrescidas de algumas já descritas como dos cemitérios por exemplo, contudo o autor lista o do Braz, da Lapa, de Santana e São Miguel. Informações sobre Matadouro Municipal e a Fiscalização do Leite também estão nesta parte do guia.

No capítulo III desta segunda parte, o autor prossegue da mesma maneira, detalhando nomes e endereços da Administração federal, incluindo, alguns que já foram descritos como dos Correios e Telégrafos.

No capítulo IV, referindo a religião, o autor repete todos os nomes e endereços, bem como meio de transporte ou locomoção que servem às igrejas, santuários, conventos e mosteiro além da Catedral da Praça da Sé.

Os capítulos que se seguem tratam do comércio e todos os assuntos pertinentes desde a Associação Comercial até bancos nacionais e estrangeiros e também à Saúde listando

repetidamente os nomes e endereços de hospitais, casas de saúde e até hospícios e termina esta segunda parte do guia reportando-se ao serviço funerário e serviços de “pompas fúnebres”, com uma lista de nomes e endereços de cemitérios, já contemplada.

A terceira parte do guia, intitulada Partida – Como se deve viajar – reforça horários de trens para o Interior do Estado e para o Rio de Janeiro, além das companhias de estradas de ferro existem informações sobre as companhias de navegação estrangeiras e nacionais, sobre passaportes com destaque para as exigências feitas pelos Estados Unidos, além de todos trâmites necessários para quem viaja por via marítima.

A quarta parte do guia é destinada aos estrangeiros considerando seus direitos e deveres, existem alguns requisitos facilitadores para aqueles que querem naturalizar-se ou permanecer definitivamente como ter uma profissão, ser proprietário de indústria no Brasil, ser casado com brasileiro e lista todos os consulados com os respectivos endereços.

A quinta parte destinada ao imigrante apresenta a hospedaria, localizada no bairro do Braz, também esclarece sobre o povoamento do solo de São Paulo, e dá informações sobre o Patronato Agrícola.

A sexta e última parte do guia intitula-se Dicionário de Ruas, é um guia de ruas como num dicionário, em ordem alfabética. Aparecem desta forma: nome da rua, nome do bairro, onde inicia e número do bonde que por ela trafega. Exemplo:

Abolição: (Rua), na Bella Vista, começa na Rua Santo Antonio – bondes 5 e 46.

Estado (Av. do), no Ypiranga, começa no lugar onde se unem os rios Ypiranga e Tamandatey e vae ate o Tio Tiete, no Bom Retiro.

Considerações finais:

O trabalho que está em andamento deverá contemplar assuntos pertinentes à produção dos guias impressos, sua origem, a mudança entre eles nas diferentes épocas, até os da atualidade. Deverá ser considerado o patrimônio histórico cultural como atrativo turístico e a hospitalidade urbana na cidade de São Paulo.

O que se observa até então, são alguns pontos importantes sobre a origem dos guias impressos e o conhecimento destes, escritos a partir do século XIX, sobretudo, no Brasil. Na cidade de São Paulo, localizamos o Guia Ilustrado do Viajante, de 1924, escrito por

Jacyntho Silva. Infere-se ser o mais antigo guia, ainda existente disponível para consulta no acervo do Museu Paulista da USP.

O tema patrimônio histórico e cultural ainda não é abordado na época.

Observa-se a preocupação do autor em explicar inicialmente o quanto trabalhoso foi a elaboração da obra; as minúcias e detalhes com que aborda e contempla todos os temas desde o início ao fim do guia, sem modificar em nenhuma página o seu modo de escrever e descrever monumentos, jardins, cemitérios, penitenciária ou horários de trens. Evidentemente se comparado com um guia contemporâneo há muita diferença na elaboração, porém, não deixa de ser útil e importante por isso, sobretudo na época que foi editado.

Referências:

BARRETTO, Margarita. Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo. São Paulo: Papirus, 2003.

CAMARGO, Haroldo Leitão. Patrimônio Histórico e Cultural. São Paulo: Aleph, 2002.

_____. Uma Pré-história do Turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850). São Paulo: Aleph, 2007.

MORGAN-PROUX, Catherine. A Hospitalidade dos Guias Intérpretes e o Desenvolvimento Turístico Duradouro. Revista Hospitalidade. São Paulo, ano III, nº 2, 2º sem. 2006.

PROEAD – Pró-Reitoria Adjunta de Ensino a Distância da Unit – Universidade Tiradentes. Disponível em www.proead.unit.br <acesso em 05.04.2008>

REJOWSKI, Mirian (org.). Turismo no Percurso de Tempo. São Paulo: Aleph, 2002.

SCARRONE, Marcello. Doze Horas numa Diligência. Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, Edição nº 27, Dez. 2007.

SILVA, Jacyntho. Guia Ilustrado do Viajante. São Paulo, Monteiro Lobato, 1924.

Disponível em www.proead.unit.br. <acesso em 05.04.2008>